



# O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XV — N.º 381 — Preço 1800  
18 DE OUTUBRO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS  
Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

Facetas de uma Vida

## O CANTADOR

Do «Lume Novo»  
N.º 10—Junho de 1929

Cantar é a expressão constante, a fisionomia alegre do universo. O sibilar dos ventos, o marulhar das águas, o riso das flores, os ais do mar, o cair das folhas, — tudo é cantar. A natureza é a canção eterna!

O cantor! Que lindo, como gosto deste nome!

A gente da minha terra não lhe sabia outro. Quem vem lá? O cantor! Como se chama? O cantor. Que faz ele? É cantor; e a sua fama corria aquela nesga de terra, que se estende desde a Maia a Amaranthe, nas asas da alegria popular. Todos iam ouvi-lo, comentando, delirantes, as loas do cantor.

Morava fora das nossas portas no lugar do monte, numa casita de colmo, negro dos anos e do fumo da lareira, e nas horas vagas cortava pedra a guilho, para esteios de ramadas.

Nunca me lembro de ter faltado o cantor em nossa casa, no dia da arranca do linho e ceifa do centeio. Para estas festas vinha também a cantadeira de Canelas, que chegava de véspera, a convite de minha Mãezinha. Era uma mulher de meia idade, trigueira, muito alta, desembaraçada, lenço branco na cabeça e avental da mesma cor, grandes arreçadas à moda do Minho e um jeito travesso no olhar que lhe dizia muito bem. De manhã, muito cedo, antes do erguer do sol, dava entrada o rancho no largo terreiro com sua festa aparelhada e logo a voz vibrante do cantor dizia:

«Zi Ó Senhora Teresinha,  
Abra o tonél do centro,  
Qu'ô cantor 'stá cá fora  
Mas quere entrar lá p'ra dentro.»

e a cantadeira vai: —

«Este nosso cantor  
Sempre é homem de quartilhos,  
P'ra beber vendeu as meias  
Só reservou os atilhos.»

As moças de casa descem então abaixo com ramos de flores de papel e trêvo, compradas adrede nas feiras de Penafiel, que os ceifeiros colocam nas fitas dos chapéus, e em paga recebem destes grandes penadas de alfágneda, que por sua vez são distribuídas às ceifeiras.

Esta parte é obrigatória no cerimonial do dia. E logo as hastes finas do linho verde e a palha doirada do centeio caem aos golpes impiedosos da garrida moicidade. De tarde, sai da corte a melhor junta de bois; do beiral o grande jugo de freixo d'arabescos entalhados; sai também o carro que melhor canta e com ele toda a gente, a levar o linho ao rio, que serpeia por entre outeiros verdejantes, no fundo do lugar de Pereiros.

As grandes mesas estão postas, fora das portas da cozinha, sob as ramadas do terreiro; sobre alvas toalhas de linho colocam-se os alguidares de arroz do forno e de sopa seca; os anhos assados, loiros, a pingar gordura, deitam-se em cammas de salsa verde, dentro de prateiros de Sacavém e de dentro de grandes infusas de barro vidrado, o vinho verde alegre, a saltar, espreita os circunstantes.

Começam a chegar do rio os ceifeiros e ceifeiras. Trazem todos o perfume fresco das flores dos campos, a alegria dos dias de festa e o apetite sadio da gente moça. Tomam lugar à mesa. Cantador e cantadeira presidem. Serve-se em silêncio forçado a tigela do caldo; chegam-se os alguidares em ruidosa cavagueira e quando as infusas passam, chega o barulho lá ao fundo, na orla dos campos!

Agora levantam-se as mesas e começa então a grande, a verdadeira festa; vai-se dançar o «vira». Os mestres da viola afinam p'ra mouraria. As moças em posição ajeitam as saias, dão o último toque ao lenço da cabeça e quando as violas gemem a primeira toada sob os dedos grossos dos tocadores, — elas lançam-se no espaço em graciosos requebros. As castanhetas de buxo tremulam no ar.

O Cantador bota a lóa:

«Rapazes, virai, virai  
As costas ao Cabedêlo,  
Que naufragou um navio  
Com pentes para o cabelo.»

e a Cantadeira vai:

«Com pentes para o cabelo  
Nas ondas do alto mar  
Zi ó raparigas virai  
Que eu gosto de ver virar.»

A debandada começa pela noite dentro. «Bote-me a sua bênção, meu amo; vamo-nos embora.» A minha Mãezinha, com um grande lenço de Alcobça traçado no peito, e o cordão do casamento ao pescoço espera-os mais abaixo, com uma palavra amiga para cada um. «Minha ama, dizem, não rogue mais ninguém; quando precisar, ocupe-me.»

FR. JUNÍPERO

## PRESENÇA

Cristo encontrou cheio de deuses o Panteão Romano. Ainda assim... teria sido fácil acomodar lá mais um. Uma certa abertura para as religiões importadas do Oriente e uma intuição algo difundida de tempos novos que se avizinhavam, dos quais seriam condutores «homens vindos da Judeia» — teriam mesmo tornado aprazível a acomodação de mais esse «Deus desconhecido».

E tudo se teria passado sem quebra do ram-ram da ordem estabelecida. Diríamos até (confundindo conceitos): tudo se teria passado em «paz».

Simplesmente os tempos con-

tinuariam os velhos. E aquela nova era de redenção por que suspiravam, embora talvez semi-conscientemente, os homens ainda não corrompidos, essa teria sido um nada-morto.

Cristo, porém, dissera de Si mesmo: «Quem não é por Mim, é contra Mim». E o Deus, Único e Verdadeiro, não tem lugar, jamais, no templo das falsas divindades.

Os cristãos daquele tempo compreenderam; não transigiram. O seu Deus é exclusivo. Ser por Ele, obriga a ser contra tudo que viola os Seus direitos. Por isso que não foram tíbios nem mornos, que não se acomodaram ao que teria sido fácil, ordeiro, «pacífico», Deus não os vomitou; guardou-os no Seu Seio que é o Lugar da felicidade infinita. Mas os homens dos tempos velhos, esses vomitaram-nos. E a implantação da nova ordem cristã foi adubada três séculos consecutivos pelo sangue dos mártires.

\* \*

A História muda a decoração, mas os esqueleto do cenário é o mesmo. Em todos os séculos a religião do mais fácil tem os seus cultores. A mesma perspectiva sincretista do velho panteão persiste: a fraqueza e a Virtude, o erro e a Verdade, a vaidade e o Amor, estabelecidos nos mesmos direitos, ainda que sob o fundamento de causaram efeitos que aparentam de semelhante natureza. Deus e os deuses no mesmo altar?... Impossível!

E então, quem é por Deus e tem de ser, necessariamente,

Cont. na página QUATRO



## PATRIMONIO dos Pobres

Pelo Património dos Pobres viemos à Madeira em peregrinação. Onde quer que se implante, ele marca lugar sagrado que se nos impõe visitar. Eis a razão de aqui nos encontramos.

Sempre ouvira afirmar, que a Pérola do Atlântico é terra de encantos e maravilhas. Acreditava-o, porquanto o dito partia espontâneo de filhos e estranhos. Agora, associo-me ao coro unânime e não pretendo de modo algum desafinar.

A beleza singular da ilha dimana da simplicidade com que a natureza tão colorida e matizadamente se engalana para nos deleitar com as mais va-

riadas surpresas. As flores constituem o melhor instrumento de adorno. Não há casas sem rosas, nem muro sem buganvílias, nem berma de estrada ou carreiro sem hortências a enfeitar. A vegetação rebenta viçosa em cada palmo de terra. A água vivificante borbulha límpida em cada fenda da rocha. Por isso mesmo se admira tanto a obra do omnipotente neste pequeno recanto do universo. A boa gente da Madeira dissemina-se pelos vales fundos e pelas encostas alpenduradas, como que indiferente aos melhores poisos por todos se lhe afigurarem úteis

Con. na página DOIS

## O SANTO PADRE

O Mestre veio buscar o Seu Amigo Eugénio Pacelli. Deixou de chamar-se Pio XII, o Servo dos servos de Deus, que partiu a ocupar na Igreja Triunfante a sua cadeira de Juiz das doze tribus de Israel.

Milícia foi a sua vida neste mundo, na Igreja Militante. Combateu como um herói o «bom combate» pelo resgate dos homens, só com armas de espirito. A sua inteligência e cultura, o seu universalismo, teriam feito dele, fóra qual fóra o seu caminho, uma grande figura da Humanidade. Porém,

posto por Deus, em vez de Seu Filho, a Cabeça visível da mesma Humanidade, Pio XII soube fazer-se sentir por todos os cristãos, senão por todos os homens que tiveram conhecimento dele, Pai, um Pai sólicito e dilacerado por todas as dores que consomem o coração dos filhos.

O Reino dos Céus é hoje a sua Cidade. E, neste mundo, por sobre a Cruz, Deus deu-lhe os prometidos «cem por um»: Pio XII, o mais amado dos homens.

Difícil sucessão! — dizem os

homens. E, no entanto, esse é um problema que não perturba a Igreja. Ela é divina. O seu Chefe invisível, imutável, é Cristo Jesus. O Espírito Santo «estarão connosco em todos os dias até à consumação dos séculos». «Se Deus é connosco, quem contra nós?!» Que pode pois perturbar a Igreja, que o Cristo visível e mutável, com todas as contingências da mutabilidade, se chame Pio, ou Clemente, ou Leão, ou Gregório?!...

Difícil sucessão!... A Igreja permanece a Cidade da Paz!

# Do que nós necessitamos

Apesar da invernia prematura os visitantes não têm esmorecido.

São camionetas e camionetas deles, fora os de automóvel ou comboio. Ninguém passa sem se desobrigar. E todas as segundas-feiras aí vem o chefe dos cicrones dessa semana carregado de moedas pequeninas que tantos dos humildes visitantes tiram à boca. É a nossa riqueza!

Avizinha-se a visita costumada dos Grupos Recreativos do Porto, sob o impulso dos Bairristas do Palácio. É o 3.º domingo de Outubro. Dias pequenos, já, e de tempo muito duvidoso. Para eles isso não importa, que vêm em peregrinação, e, com tal espírito, quanto pior, melhor!

Mas, grupos excursionistas são todo o ano e mais nesta época que ora acaba: «Os Amigos do Senhor da Pedra», de Gulpilhares, 80; «A Sociedade dos 20 Amigos do lugar do Arco, Santo Tirso», a mesma coisa; «O Pessoal da Peugeot, da Rua de Ceuta, 100\$; o grupo «O Futuro será melhor», das Fontainhas, 119\$50; O Pessoal da Padaria Primavera, 61\$; «A Comissão de Festas ao S. João» da Rua de S. Braz — parte central, 50\$; e, finalmente, «Os Amigos do Ou-

teiro» de Vilar do Paraíso, «para vir a Deus que nos leve para o Paraíso», 120\$.

Alguém deste grupo, deixou também 100\$, com o mesmo salutar desejo.

Promessas que se cumprem, um rôr delas: A Deolinda com 50\$; O mesmo de Ribeiro do Rodo; mais 150 não sei de onde; e 100\$ de Cernache do Bonjardim; metade da Maria Helena, de Lisboa, «referente aos estudos do meu filho»; 2125\$+20\$, de Salgueirais; e 100\$ de Viseu.

Agora, são graças atribuídas à intercessão de Pai Américo: 20\$; outro tanto da Primorosa; 50\$ e 100+100 moçambicanos da Maria Edith, de Lourenço Marques; um pouco ao norte e a poente é Leopoldville e uma velha Amiga de lá com 100 francos congolezes e descanse que o jornal está em dia; mais 200\$ de Campanhã e dez vezes menos de Ilhavo.

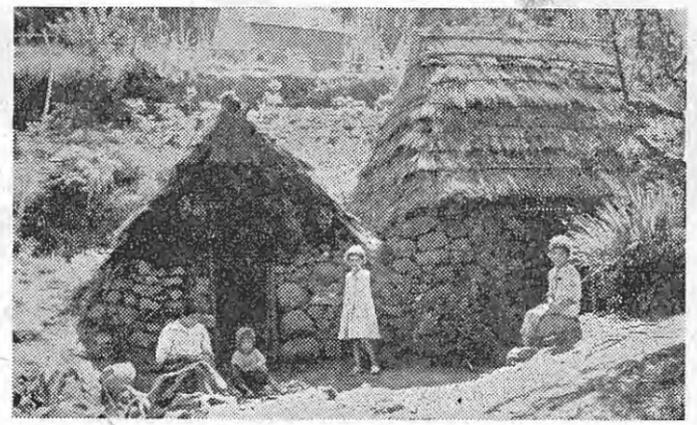
«Meus e Dela», 50\$. Como a gente saboreia estes testemunhos tão simples de amor conjugal! Em contrapartida, quantos gemidos de dor em lares traídos, aqui não vêm dar!... Quantos gemidos heroicos!...

«Rezem uma Avé-Maria por um Lar que eu cuidei com tanto

amor e carinho... Que o Pai do Céu faça com que a jóia do meu marido volte a ser o modelo que eu tive a felicidade de conhecer... Como é possível o mundo andar tão mal?... Peça por uma Mãe, peça ao Pai do Céu que me dê todas as virtudes capazes de fazerem o meu querido marido feliz. Roubaram o meu Lar, mas eu perdoei. Pedi a Deus coragem e resignação. E dissei no nosso Famoso aquilo que eu gostaria de saber dizer. Batalhai para que os homens quando constituírem família nos não troquem por outras... Porque é horrível, horrível. Perdoe-me, tão grande pecadora que eu sou».

«Como é possível o mundo andar tão mal?» — Também muitas vezes me pergunto. Tantos lares profanados! Tão loucamente profanados! Por isso, que sabor não achamos nós naqueles testemunhos simples, eloquentes: «Meu e Dela»... e pronto! Vinte de «uma admiradora». A passar um nadinha de dez vezes mais no «Comercio do Porto». Roupas, bolas e muitas coisas boas — tudo que foi entregue no Espelho da Moda ou no Lar do Porto.

Prós Pobres do Barredo, 200\$ da Rua de Macau e 300\$ de «um humilde admirador da Santa Obra do Padre Américo» e o contrapeso de 20\$ prós rebuçados pedidos pelo Padre Manuel António. Cinquenta e as desculpas «pelo atraso com que o faço» da Rua Edith Cavell. O mesmo de «uma viúva do Seixal». O dobro de Pais e Filhos em sufrágio dos Avós. Vinte do assinante 23744. Outra vez em sufrágio do «nosso querido filho adoptivo». E o mesmo, «como é costume fazer mensalmente» de A. J. F. E a «Avó da Moscovide para a Obra do seu coração». Mais o António com 200 para a viúva da Nota da Quinzena e a «Mãe do filho que barrega». E lembranças várias para a Senhora Ana de Jesus. E «vou para férias; o dinheiro é pouco, mas desse pouco quero repartir com os gaiatos». E um par de tourinhos, de um vizinho, que todos os anos faz nosa a cria da sua vaca. Este ano foi um casal de gémeos!



«Se não fossem os gemidos à porta das habitações de colmo das furnas, eu diria que isto é paradisíaco».

## PATRIMONIO DOS POBRES

Cont. da página UM

e pitorescos. A natureza é sem dúvida fértil e fecunda em qualquer altitude. Bananeiras, videiras, tubérculos cobrem o solo priverligado que fornece manjar abundante e saboroso.

Se não fossem os gemidos à porta das habitações de colmo e das furnas, eu diria que isto é paradisíaco. Porém, viúvas com marido emigrado para as Américas, lamentam a sorte. A braços com oito, dez e mais filhos, sem palmo de terra, sem beira que as abrigue, com os olhos humedecidos, não contemplam já o que os ávidos excursionistas rememora, e de que tanto gosto.

A terra repartida, a pouca compensação do esforço em cultivá-la, os impostos subsequentes, afugentam o marido dos lares. Elas e os filhos aguardam a hora do regresso que nunca mais surge. Meio milhar de casais estão separados por esta contingência em uma das freguesias. Quantos gemidos aqui eu ouço!

Não há indolência ou preguiça. O labor é insano. «A gente bem trabalha...» Quem não conhece o trabalho da mulher da Madeira, olhos fitos no bordado, por longas horas, até saltar a obra prima! «A gente bem trabalha! Mas o monopólio... Aquelas de nós, que são desembaraçadas, tiram três escudos por dia... porque

muitas, com o cuidado dos filhos, nem isso...» Eis o lamento que ouço, à boca duma furna: — «Tenho cinco filhos sem pai, e vivo do bordado. Calcule a minha vida! Ora, o custo desta anda pelo dobro da do continente. Com tais proventos estamos a abrir valas para sepulturas comuns. Por isto mesmo digo que não sou capaz de contemplar, com olhos de ver, a natureza soberba que ostenta delícias. Os gemidos soam. Começo a descortinar a multidão dos sofreadores. E quantos! Mas, a par, diga se a verdade, a muita inquietação que de há tempos vem reinodiando parcelarmente a injustiça e o sofrimento.

A minha maior admiração é, pois, para as obras que os homens de boa vontade levam a efeito, quando guiados pelo braço divino e pelo impulso criador que é o Amor de Deus. O Património dos Pobres revela, de facto, quanto ardor inflamou párocos e vicentinos em prol dos desventurados.

A faúlha ateou incêndio que não mais se extingue, enquanto houver pasto para as chamas. O Amor anda a construir a miséria, a procurar suprimi-la do meio dos homens e a repor cada qual no seu posto entre os demais. Como em toda a parte o Património dos Po- — Continua na pág. QUATRO

## Casas para trabalhadores

Não podemos esperar que os outros nos resolvam todas as dificuldades.

No momento presente a grande maioria dos homens acusa e revolta-se.

Nas camionetas e nos combóios, nos clubes e nos cafés, nas praças, à ida e à vinda do mercado e da feira e também muitas vezes antes e depois da missa os homens acusam. As coisas correm mal e é preciso vir um novo sistema, um novo governo, uma nova civilização, uma nova fé. A culpa é dos que têm dirigido, sejam ministros, sejam bispos, sejam professores, sejam gerentes de empresas. Não estão à altura do momento; ouve-se dizer por toda a parte, como uma frase comum. Não é sério acusar de ânimo leve na generalidade. O homem só terá direito de acusar os outros, quando, primeiro, se examina a si mesmo. Não temos o direito de exigir mais sem primeiro nós mesmo darmos muito mais.

Os outros — mesmo que sejam bispos ou ministros — não têm possibilidades de dar pão, paz, educação, casas, automóveis, férias, passeios, a todos quantos por tudo isso ovviram a não ser na medida em que cada indivíduo, cada família, ou cada grupo em concreto contribuam para maior produção e maior justiça na distribuição. Uma grande parte dos revoltados não são conscientes, não são sérios: Querem dar muito menos e receber muito mais. Esquecem-se que os vizinhos, naturalmente, têm as mesmas ambições e querem seguir os mesmos métodos. Com o aparecimento das máquinas espalhou-se a ideia da facilitade na produção. Os optimistas, que não se habituaram a ver os problemas em conjunto e em estreita relação uns com os outros, escreveram, disseram, discursaram.

Bastavam agora poucas horas de trabalho, não era agora necessário muito esforço para que todos tivessem... tudo. As coisas não correram nada assim. Daí as acusações, os gritos e algumas vezes as blasfêmias.

O movimento de casas para trabalhadores pelos próprios trabalhadores recruta na fé, na esperança, no optimismo, mas deseja todas estas virtudes aliadas à austeridade. Parte do princípio que a vida digna, honrada, com os bens indispensáveis, não é fácil para ninguém. Exige-se disciplina, absoluta fidelidade a uma organização que, aliás, em certos pormenores pode variar de terra para terra. Pedir-se-á aos rapazes muito trabalho, muita colaboração, muita persistência e também algum dinheiro. Nenhum saberá qual é a sua casa de entre aquelas mesmas que estão a ser construídas. Nenhum irá habitar a sua sem estarem todas concluídas. A prática já demonstrou que este movimento eleva profissionalmente os trabalhadores. Na até ao fim, aparecem imediatamente outros grupos para fazerem da mesma maneira ou mesmo melhor. Quando no país houver umas centenas de grupos a trabalhar no movimento Famílias Melhores será um meio de educação e de progresso social.

PADRE FONSECA

## A propósito de um curso de férias

De 11 a 19 de Setembro, estiveram reunidos na Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra, cerca de 43 professores primários, a frequentar um Curso de Aprendizagem Agrícola.

Anda o Governo da Nação empenhado em resolver o problema nacional da nossa lavoura. Bem sabemos que ela atravessa uma grave crise de há muito e que pede uma solução racional e urgente. Há necessidade de retirar da «miséria imerecida» a nossa gente do campo. Há necessidade de reabilitar aos olhos da juventude rural, o trabalho do campo, criando-lhes a consciência da dignidade desse mesmo trabalho.

Os Cursos Complementares de Aprendizagem Agrícola criados em várias zonas do país, do Minho ao Algarve, querem ser o primeiro passo. A escolha do pro-

fessor primário, dotado de preparação adequada, deve ter sido feliz para a parte de instrução geral. Os jovens passam-lhe pelas mãos. Com eles vive em contacto muito íntimo. O professor primário é o homem do povo.

Nem por isso a sua missão é menos difícil. A realidade imediata é bem diferente do que ouvem na escola. A fuga do campo há-de continuar. A oficina há-de ser uma tentação contínua. São as 8 horas de trabalho. É o ordenado certo. É a máquina que os chama. Numa palavra, a oficina tem o seu estímulo. A lavoura ainda não o tem. O trabalho de sol a sol, mal remunerado, sem a máquina, é uma tentação de fuga. E o trabalho do professor resultará improficuo (nunca totalmente) se não tiver o amparo permanente e prático das entida-

des responsáveis. O problema é complexo. E não é a penada de um decreto que o resolverá nem tão pouco os discursos inflamados.

A nossa gente do campo durante anos e anos já não acredita neles. Quer ver e apalpar. Está cansada de ouvir. Só um trabalho honesto, prático e eficaz, que não tenha outra norma que não seja a justiça será capaz de convencer.

Contudo, o nosso trabalho nunca será perdido cem por cento. Nunca. A bagagem que fornecemos aos nossos jovens, há-de, por certo, contribuir para um enriquecimento cada vez maior da sua personalidade. Ponhamos nesta tarefa o melhor do nosso esforço.

PADRE MANUEL ANTÓNIO

# Peregrinação a Lourdes

Continuação do número anterior

O grande pátio está circundado por claustro duplo, em estilo gótico. Na Aula Magna vê-se tapetes barrocos, executados em Bruxelas e o Estandarte da Universidade, com sua cruz gótica, hordada a prata. Depois a aula de Frei Luís de Leão, onde o Imperador Carlos V assistiu a uma lição do Padre Vitória. Na Sala de Música pudemos admirar Santa Apolónia e Santa Madalena, por João de Flandres.

Depois a rica e histórica capela, decorada pelos planos do arquitecto Gimón Gavilán Tomé em 1767. Seus ricos painéis laterais representam antigos alunos célebres. O sacário dos primeiros tempos, tudo em prata, foi roubado pelas forças de Napoleão. O actual é todo em madeira muito pesada.

No antigo hospital de estudo, encontra-se por iniciativa de Fr. Lopo de Barrientos as instalações da Secretaria, para assistência a estudantes doentes.

O Pátio das Escolas Menores, onde nas suas paredes vemos os nomes assinados dos novos doutores, foi aberto no princípio do século XVII.

Com grande alegria pisamos as pedras do claustro superior e inferior e outras dependências e com maior ainda convidamos o leitor a visitar Salamanca e sua Universidade.

Passamos depois pela Escola Normal, onde se preparam os jovens que serão a força da Nação de amanhã. A educação é a maior riqueza dum povo. Em Espanha cuida-se a sério este por menor importantíssimo. Subimos linda e harmónica escadaria e deparamos com magestosos claustros que nos diziam da sua história com inscrições em grego, romano... Ficamos por aqui, pois o tempo não chegava e havia ainda mais coisas para visitar.

\* \*

Fomos depois ao Mosteiro de Santo Estevam. Convento Dominicano, Ordem dos Padres Pregadores, os Anjos brancos que levam Cristo a todos os lugares de trevas e nos tocam na consciência entorpecida. O actual Bispo de Salamanca é dominicano. É desta Ordem de S. Domingos que têm saído os maiores teólogos de Espanha. Temos também a informar que o confessor de Santa Teresa era dominicano.

Uma das salas mostra-nos magnífica pintura com formas ósseas. A propósito, conta-se até uma anedota dum americano que a visitou:

— Olha, ali são os ossos dos cristãos que matavam!

— Não não, são ossos de vitela!...

— Olha que bem que os frades comiam!...

\* \*

Grandioso este Mosteiro, em estilo barroco, onde vimos talhas riquíssimas. Belas pinturas dos diáconos S. Lourenço e Santo Estevam. Todas as pessoas da caravana se mostraram encantadas com esta obra de arte que nos é dado admirar, sentir e viver. Momentos de grande espiritualidade sentimos nós todos.

Não podíamos de maneira nenhuma ir embora sem visitar a sumptuosa Catedral. Que beleza! Que imponência! Que grandeza o homem transmitiu à pedra! Que segredos nos martelavam os ouvidos! Qual farol a atestar a fé do Povo de Espanha e ocidental. Luzeiro imenso pelo qual temos de medir a nossa ínfima pequenez humana e pecadora. Cada capela, cada nave, cada pedra com suas policromias que se conservam maravilhosamente, têm a sua história bela, linda, de Amor a contar. Que nos vai dar conforto e deliciar a alma e o coração. Lá está a imponência, majestade de Cristo crucificado. Grande vencedor da via do Gêtemani. Vencedor da morte, à beira de nós pobres filhos que só o ofendemos e Ele, Grande Pai, a inclinar Sua cabeça sobre nosso peito. Não faltavam as pinturas célebres, inspiradas pelo Alto, que dão riqueza e maravilha a esta velha e grandiosa Catedral, fundada por D. Raimundo, tio de D. Afonso II. A figura bela de S. Gonçalo e seus milagres, obras que datam do século XV. Os belos quadros da vida de Jesus e na cúpula principal, um fresco que nos retrata o Juízo Final. O túmulo de Helena de Castro, prima de D. Inês de Castro de Portugal e muitas mais coisas que não podemos retratar, devido ao minguado espaço de que dispomos. Estamos muito longe de dar uma ideia do que na realidade é esta maravilhosa Catedral de estilo gótico.

Visitamos ainda o seu Museu, onde nos saltavam à vista as figuras gigantescas, mais gratas da História Nacional Espanhola e sua religiosidade, sempre manifestada através dos tempos. A capela de Santa Bárbara, sala dos capelos primitiva, sala capitular, onde se reunia o concílio e um belo quadro de S. Martinho, dividindo sua capa. E, como os últimos são os primeiros, lá vimos com Sua Nobreza. Sua coração inexgotável de Mãe. Mãe há sempre que dizer. Não falha o tema. As coisas maiores, mais elevadas, mais heróicas. Mãe do Céu que aqui nos aparece, então muito mais, pois Seu coração não mais esgota e o Amor que transmite é infundo. Era a Senhora da Fátima, que nos afagava com seu olhar. Que simplicidade! Que bela estava a Virgem Linda, de Portugal! Queríamos naquele momento dizer qualquer coisa, mas não entendíamos sua linguagem, porque arredados dela. Olhos apenas para ver a arte, mas um fluido misterioso nos transmitia qualquer coisa que guardamos.

Visitámos, também, embora ligeiramente o convento das Augustinas, com suas linhas simples mas harmónicas. Destacamos uma bela pintura de Jesus a caminho de Jerusalém. Numa das capelas laterais uma linda pintura de N. S. do Perpétuo Socorro. O púlpito, de onde parte a Palavra forte, que queima, provoca incêndios, artisticamente trabalhado em belo mármore. A presença de Jesus Operário, faz-nos uma impressão forte e nos dá alento a batalhas que se avizinham.

CONTINUA Daniel

Zé Teixeira, o antigo «ferramenta», casou-se há dias. Eu fui a testemunha em nome da Igreja. Comigo, foi o Agostinho. Comigo estavam todos vocês, que não há lugar nem tempo em que não aconteça qualquer coisa que torne —ali, actual, a vossa presença, sempre viva no nosso pensamento e no nosso coração.

Foi uma festa simples; modesta como convinha, mas cheia de dignidade.

O Zé não nos dispensou do almoço em casa de seus sogros. E eu fiquei contente por tudo mais e pela bela lição de que vos trago agora notícia.

Ao fim da refeição a mesa estava ainda farta de tudo. Eu tinha de sair e despedi-me. O sogro do Zé vem acompanhar-me e esclarece: «O senhor há-de pensar mal por ver tanta coisa... mas festa é festa e eu não queria que faltasse nada! Aos outros dias é tudo muito regradinho».

Eu tivera já ocasião de observar como devem ser os «outros» dias. Aquela casita e seu quintal é deles. Atrás, outra também pequenina, modesta, que venderam para melhorar aquela onde habitam, que «antes deixaram um dinheirito do que dívidas». Criaram nove filhos. Eles ali estavam, alguns já com seus filhos



O Zé Teixeira e a Maria Augusta.

tudo aquele património a partir dum capital tão precário como são 30\$00 por dia. «E olhe que nós não tivemos heranças...» Foi só daquela fêria e do sacrifício do que não fosse absolutamente necessário que tudo aquilo se fez.

«Nós não temos quase nada que deixar aos nossos filhos, mas se eles quiserem seguir o nosso

beis porquê? Por causa de uma ideia falsa de vida fácil, sem grandes exigências, em que a troca de um pequeno trabalho se obivesse com que satisfazer todos os caprichos de uma imaginação aberta só ao prazer.

Engano! A vida real, a vida que vale a pena viver, a vida que deixa um sinal de si, mesmo depois de nós desaparecermos de entre os vivos é sempre uma corrida de obstáculos onde se prova de os verdadeiros atletas, os homens de carácter.

Em toda a família da mulher do Zé Teixeira, o sorriso franco, a saltar, é uma característica constante em que eu reparei. Todos tinham cara de felizes, na posse daquela mediania que terá custado quantos suores e lágrimas que só Deus sabe, mas que é, por isso mesmo, absolutamente mais saborosa do que quantas aparências que a gente vê por aí.

Eu tenho tanto medo da vaidade!... De todos os vazios, de vazios de toda a espécie, a que só conduz a vaidade!...

Também eu me contentava, meus rapazes, se vos deixasse, ao menos, o mundo cheio de valores autênticos, de que nos dá testemunho o exemplo dos sogros do Zé Teixeira.

## Cantinho DOS RAPAZES

também, muito apurados, muito decentes, todos com posições razoáveis.

Ora a criação de nove filhos, o seu lançamento na vida, a construção daquelas duas casitas — tudo se fez com o salário de 30\$00 por dia, do Pai, carpinteiro de seu ofício. A Mãe era doméstica e tantos filhos não lhe davam tréguas para ganhar fora de casa.

Nem eu sei imaginar o que não terá sido preciso de equilíbrio, de economia austera, de trabalho, de renúncias, para poder realizar

exemplo, também poderão arranjar as suas coisas».

Quanta miséria não vai por esse mundo além, fruto somente do reverso desta medalha! Infelizmente, até rapazes que foram nossos dão o espectáculo sempre triste duma vida sem rei nem roque, porque não sabem o valor das coisas: trocam o essencial pelo acessório e são capazes de gastar em futilidades o que é preciso à boca e ao vestuário. Vocês sabem que os rapazes últimamente saídos para África nos não têm honrado grande coisa. E sa-

## CHALES DE ORDINS

Parece que o homem atingiu já aquele grau ideal de civilização e progresso por que suspirava há muito. Quem vê as loucuras do homem pelo animal poderia pensar, certamente, que ele assim procede, por os seres da sua espécie estarem já providos do necessário. Mas não. Há hospitais para cães e, no entanto, minguam os leitos hospitalares para os homens. Há hotéis para cães e ainda há Pobres a rebuscar no lixo algo para matar a fome. Há cemitérios para os mesmos e apodrecem, às vezes, insepultos seres humanos. Tudo isto seria interessante se ao homem nada faltasse. Mas haverá sempre Pobres. Alguns em miséria extrema. Casos de justiça clamorosa. Alguns homens desejariam tomar até o lugar de cães em algumas casas, tão luxuosamente os vêem tratados. Que miséria! Maior, porém, é, sem dúvida, a daqueles que gastam com

os animais aquilo que pertence aos homens.

\* \*

Vamos caminhando para o frio. Alguns vão-se prevenindo. Quem dera que muitos nos proccrem. Temos que desejar o frio, na esperança de que os senhores se lembrem de nós.

Um português, ausente nos E. U. A., veio matar saudades à Pátria. Em Ordins comprou 3 chales e deixou migalhas para a Casa das Tecedeiras. Leixões veio por um e o Porto quis dois.

Geraldes escreve esta formosura de carta: «Se eu fosse rica, seria um boa freguesa de chales, para dar aos Pobres, mas graças a Deus sou pobre: Só peço que me mandem um chaile dos pequenos e peço a Nosso Senhor que dê aos ricos boa vontade para repartirem com os pobres». As sobras de 100 são, por sua vontade, para a Casa das Tecedeiras. «Se eu fosse rica» saberia distribuir pelos necessita-

dos. «Graças a Deus sou pobre» é ver na Pobreza, tão amada de S. Francisco de Assis, cuja festa litúrgica comemora hoje a Igreja, uma graça. Na verdade, a riqueza serve para muitos se perderem. O Senhor mandou-nos pedir «o pão de cada dia». Pedir para os ricos «boa vontade para repartirem com os pobres» é desejar a sua salvação eterna.

A Ilha da Madeira lembrou-se da nossa Casa com 110+100.

Dirijam toda a correspondência para a Conferência de S. Vicente de Paulo — Ordins — Lagares (Douro).

Os vales são pagáveis em Paço de Sousa. Mandem 65, 95, ou 125\$ e terão um chaile de lá quantinho.

Padre Aires

Visado pela Comissão de Censura



**PRETO** é um dos *núme-ros* da aldeia como soe dizer-se em vocabulário gaiato. Ele faz habilidades sonoras com a boca e tais caretas de espantalo, que eu tive de me impôr para não sairem do Coliseu. Ele ginástica e contorsões. Ele coisas que não lembra a ninguém.

Pois «Preto» vende o Famoso em Espinho. Uma destas quinzenas, no regresso, ao apresentar-se, entrega um pequenino embrulho e diz, muito senhor de si: «São documentos pró hospital, que mandou uma senhora».

Foi-se a ver..., eram medicamentos!

**N**ÃO é a primeira vez que tal sucede; mas, verdade seja, é caso raro.

É tão difícil a gente ouvir uma admoestação e aceitá-la e agradecê-la até; é preciso tanta coragem, tanta humildade—que custa, sim, mas não me admiro, que tantos amuem depois de uma conversa séria em que tivemos de apontar defeitos, de censurar faltas.

Ora aquela tarde fora assim com um. As lágrimas vieram-lhe aos olhos, mas não disse nada.

À noite, porém, antes de se deitar, bate-me à porta: «Venho pedir perdão de o ter magoado». Agora as lágrimas eram menos disfarçadas em seus olhos.

De outra vez, um a quem acabava de dar uma grande sova, pega-me na mão, beija e sai dizendo: «obrigado».

Senhor!, nós bem sabemos que não somos dignos. Mas, obrigado também a Ti, a Quem ofendemos 7 vezes ao dia e que nos dá tantas consolações que nos refazem forças e nos defendem de vacilar.

Dá-me também em cada noite a graça de bater à Tua porta: «Venho pedir perdão de Te ter magoado».

**O** fechar das contas em cada mês é aqui em casa ocasião de muitas disputas.

Manuel Pinto organiza o seu «rosário» de facturas, pega no livro de cheques e ele aí vem. É tarefa demorada, que eu gosto de esmiuçar e saber os porquês e para quês. Júlio é outro que tal. E eu sonho com o dia feliz em que cada sector de actividade na nossa Aldeia tenha a sua contabilidade própria, caseira, mas eficaz, a cargo do respectivo chefe. Então é que vai ser despachos!

Ora sucede que um dos pontos clássicos de discórdia é a conta de petróleo e gasolina na Tipografia. Eu barrego. Manuel Pinto diz que não é com ele. Júlio aparece. Ainda barrega mais. «Que tudo lá vai pedir... Que é só a Tipografia a requisitar para fora e a fornecer para dentro»... E mais, e mais e mais...

Ora Júlio (eu creio que até já relatei aqui o facto!) para grandes males, resolveu grande remédio: não dá nem um pingo dos cobçados combustíveis sem requisição assinada.

O mês passado a conta foi por aí além. Eu escrevi um bilhetinho ao Júlio: «É demais!» Júlio re-

mete-me na volta do recoveiro a colecção das requisições recebidas e este recado:

«Sr. Padre Carlos:

Aqui estão as provas (e o que saiu sem requisição mas com orviem?) de como o petróleo mela gasolina se sumiram em tão grande quantidade.

Júlio »

Eram nada menos de 22 pedidos, subscritos por muitos e variados, Padre Manuel António incluído. Era deste, até, a primeira requisição: «Júlio um «niquito» de petróleo, sim?». E seguiam-se os ferreiros: «Preciso óleo. Agradeço a fineza de me indicar como o posso conseguir». E outra vez os ferreiros, que são os maiores comilões. E os sapateiros, para limpar os sapatos das senhoras ou de algum tirone.

E os das limpezas das casas, para a guerra-insecticida. E mais os ferreiros, outra vez, por «desperdícios» e massa consistente. E os lavradores pró motor da mata. E os carpinteiros para não sei o quê. E finalmente, o destemido cabo do nosso Exército, Sr. António Machado do Nascimento, com a sua letra muito bicudinha e custosa de entender, espalhada por este documento:

«Atesto, sob a minha palavra honra que hoje levei da tipografia da Casa do Gaiato 1 litro de gasolina.

22-VII-58.

António Machado»

Ora vejam os senhores, como seria risonha e fácil a ordem por esse mundo além, se se generalizasse a «desorganização» da Casa do Gaiato!

## Postal

### de Caldelas

Ando roidinho de saudades pelo meu filho, o Américo Manuel, de oito meses! Um encanto! Não resisti e a Mãe trouxe-me um dia. Se muitas tinha, com mais saudades fiquei. O que vale a minha ausência é sol de pouca dura. Se não... estoirava de saudades.

Na Pensão Universal, onde me encontro, o Sr. Cardoso recebeu-me com a mesmíssima bonomia. Deus lhe pague.

O Sr. Dr. Formigal permanece, também, imutável. «Enquanto for vivo e estiver aqui conta sempre comigo», disse. Como retribuir tanto carinho?!

Não fosse exiguo o espaço do Famoso ou do postal e teria muito que escrever do que vejo e ouço e digo por cá. Mas o que não posso é deixar de afirmar o interesse porque é tida a nossa Obra. Todo o mundo cai em mim! Querem saber tudo. Como somos, como vivemos, «como vai a Obra?». Fosse uma Obra morta e ninguém se importava. Era uma coisa muitas. Assim, não.

Encontramos, ainda, quem a desconhece! Para esses, tenho um remédio simples. Inscrevo-os como assinantes. Eu não sei de outra maneira

## PAÇO DE SOUSA

— Cá está Paço de Sousa a ferver. Sempre à espreita. Sempre à escuta para não deixar passar nada. O Júlio a refilar, o Sepadre Carlos a não passar cartão ao mundo da tipografia devido aos azares, por os artistas caírem abaixo do arame e a puxar-nos as orelhas. Vão ficando grandes. Daqui a pouco até parecemos...

Dizem que somos uns malandrecos. Não há dúvida. Mas a verdade é que também são tudo efeitos do sangue na gueltra. E *adei é assim!*

—No passado domingo, a equipa de honra foi a Leiria, visitar os irmãos da Colónia Penal, colaborando numa simples mas significativa festa! Saímos daqui às seis da manhã, passamos pelo Lar do Porto para completar a caravana e às 10,30 assistíamos à missa na igreja dos irmãos Franciscanos. Como «Mister» Tomar tinha combinado sem a gente saber que a missa seria na Prisão Escola, estavam à nossa espera e fomos duas vezes à missa.

Não te assustes, leitor! Tudo foi normal e fomos muito bem recebidos por estes irmãos a quem a sorte foi adversa e aqui cumprem suas penas, mas arranjam merecimentos para o lugar que lá têm em cima guardado!

Abraçamos o Sr. Dr. Aurélio, Ernesto e Texuga e o António Botas, as-

## Presença

Vem da página UM

contra tudo que fere os Seus direitos, haverá de escolher o caminho menos fácil, deixar aquilo que o mundo chama a «virtude da prudência». E, não sendo achado morno nem tibiço, é certo que Deus o não vomitará, mas os homens sim.

A Igreja é a Mestra da Verdade, da Virtude, do Amor. Ela não pode sofrer silenciosa uma mentalidade equívoca, o confucionismo do nosso pobre mundo em que se misturam arbitrariamente os valores, quando se não invertem pura e simplesmente... Tem de denunciar. Faltaria a Si mesma e ao Seu Senhor se silenciasse. Ela é Mestra... Tem um Depósito divino para difundir. Dá-lo a conhecer; fazê-lo amar e seguir é a Sua missão essencial.

Entrar no jogo das conveniências, frutos da inércia, que a «prudência» iludida do nosso pobre mundo parece aconselhar — não é o Seu papel.

Ela é de Cristo... Portanto só pode ser por Cristo e por mais nada nem ninguém.

Mas Cristo é o Homem perfeito. Ser por Cristo, indefectivelmente, é ser pela perfeição do homem. Ainda que o condicionalismo criado pelos homens coloque a Igreja em oposição às conveniências aparentes, que não são outra coisa que frutos da inércia — a verdade é que a Igreja é a grande, a única autêntica defensora do homem, nem que seja em luta aberta contra as ilusões que cegam o homem.

melhor nem mais eficaz de sermos conhecidos e amados. «O Gaiato» bate à porta todos os quinze dias. O que ele diz! O que ele faz!

Por hoje é tudo. E se para o ano voltar (quem me dera não precisar!) cá estarei a dar notícias.

Júlio Mendes



sim como outros rapazes que ficamos a conhecer e a ser amigos, que já têm colaborado na «Voz dos Novos». Fomos para o refeitório, visitamos a sede do Grupo Desportivo do qual é Presidente o Ernesto.

Ao almoço foi lida uma saudação aos «Amigos do Pagode» e todo o mundo estava contente!...

Fomos visitar o Cândido que se encontra doente no quartel e em seguida fomos para o campo de futebol onde fomos recebidos com palmas e outra saudação.

Sob calor intenso e arbitragem dum jogador do Ateneu, alinhámos:

João; Roque, Vicente e Carlitos; Daniel e Pinheiro; Caetano, Augusto, Oscar, Quim e Queimado.

As primeiras jogadas do encontro pertenceram-nos. Dominamos logo o campo adversário e a breve trecho já vencíamos por duas bolas a zero.

Abrandamos a marcha do encontro e ao intervalo já os visitados estavam em igualdade.

Na segunda parte voltamos a atacar. O adversário reagia com vontade mas a maior capacidade técnica do nosso conjunto suprimia o ânimo dos da casa. Com facilidade chegamos aos 5-2, depois de um golo deles marcado de penalidade que não existiu o um toque infeliz do defesa Vicente fechou o resultado em 5-3 com que terminou a contenda.

A nossa equipa actuou muito abaixo das suas possibilidades, mas vários factores contribuíram para isso. Muito calor, jogar depois do almoço e o terreno irregular.

No adversário destacamos a correcção e o espírito de luta. Tem bons valores, mas não há coordenação na urdidura dos lances. Faltou-lhes também o apoio necessário dos médios e interiores, à volta dos quais deve girar toda a órbita.

Depois do encontro houve ordem para irmos, às uvas. Visitamos a adega e provamos do maduro. Despedimo-nos de todos e viemos embora.

Este foi um belo passeio. Passamos pela Cidade dos estudantes, estivemos na antiga e bela Leiria de D. Diniz; Figueira, menina honra da Beira Litoral; Ilhavo, Aveiro, princesa do Vouga, Ovar, Espinho, Porto e regressamos à base já de noite.

Nesse mesmo dia, um misto, nem eram reservas, dos que cá ficaram, perderam com o Fontinense por 8-1. Até aqui nada de anormal, mas o pior é que eles se foram gabar para o jornal que tinham ganho ao Gaiato. Assim não está certo. Por essa ordem de ideias, se nos ganhassem, diriam que tinha sido ao Arsenal de Londres. Branco, branco. Preto, preto, meus senhores! Ou não sabiam que tínhamos ido a Leiria?

## Património dos Pobres

bres é uma solução modesta que rasga horizontes, desperta consciências, apaixonada, movimentada almas, ainda que por vezes a desdizer: «A casa é boa de mais para quem nunca a teve». Isto é voz corrente. Contudo trata-se do melhor testemunho da obra realizada. Todos concordam que este acto de caridade, a entrega duma casita, não é qualquer coisa de menos importância, mas um acto bom. A Caridade não tem medida. O Pobre é amado com grandeza. Reconhece-se-lhe o valor. Tudo é feito por Cristo que nele se esconde. Praticase um acto de Fé. A Cristo se honra e só. A casa erguida é um acto de caridade traduzido em pedra a expressar o amor dos cristãos a Cristo Pobre. Por Ele, pois, tudo se opera, e com Ele somente se conta

—No passado dia 18 fez anos o Senhor Padre Carlos. São 33. Houve missa cantada. Ao almoço, que foi melhorado, exibiram-se alguns dos «Amigos do Pagode». Jaimeito, Manuel Bucha e Gatito, num belo trio. Os imitadores Augusto e Balcia. O cantor da moda que é o Ramada e mais um conjunto onde se via o Planeta, Cocos, Costa Fernandes, Quim...

O Adriano foi entregar um ramo de flores. O mais pequeno, em nome de todos. No fim, os rapazes da Tipografia entregaram um par de sapatos que o Senhor Padre Carlos agradeceu!

Que Deus o conserve por muito tempo no nosso meio e que não se esqueça dele nas angustiosas horas de luta que constantemente se deparam no seu caminho de Pai de uma grande família, a maior de Portugal!

—Tem vindo até ao meio de nós a alegre rapaziada da Colónia de Cete e os seminaristas que a orientam com amor. Gostamos muito da sua presença e por isso lembramos aos senhores que eles também precisam. Não se esqueçam! Eles não se alimentam de ar e vento!

—Andam obras na cozinha. Confusão. Desordem! Daqui é que saem as grandes revoluções, as grandes guerras. A cozinha é a oficina mais importante da Aldeia. O comer tem sido feito numa lareira à lavrador. Os cozinheiros vêm-se aflitos, mas a coisa tem saído mais ou menos. Os refeitórios é que ficam a perder. Fica mais fora de mão. Por isso ao menos descuido...

Daniel

## LAR DE LISBOA

Desculpem-me senhores leitores, por não ter escrito mais vezes e há mais tempo, pois eu desmazelei-me em mandar os agradecimentos para os nossos amáveis leitores.

Amigos leitores: Ainda não há muitas quinzenas que eu escrevi para o jornal «O Gaiato».

Venho por meio destas palavras agradecer aos que me ouviram e que atenderam ao meu pedido.

Já agora também digo mais uma coisa: quando os leitores tiverem alguma coisa que lhes não faça falta, não estejam à espera que eu ou outro escrevamos para o jornal; mandem, não tenham medo de mandar.

Não tardarei a voltar a escrever para o nosso jornal.

Mais uma vez, votos de agradecimentos para todos os leitores. Muito muito obrigado.

Agostinho Coelho (Lampreia)

Padre Baptista